

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : FSP

CLASS. : Xavante 162

DATA : 04 07 90

PG. : capa / E-1
Ilustrada



DISCOS

Revivendo lança coletânea de duos

O selo Revivendo lança uma coletânea de doze duos gravados pelos cantores Francisco Alves e Dalva de Oliveira entre setembro de 1939 e outubro de 1950.

PÁG. E-5

Dalva de Oliveira



MÚSICA

Brasileiros vão a seminário em NY

Dois grupos paulistanos, o Fellini e o Ira!, e um mineiro, o Sexo Explicito, participam entre os próximos dias 13 e 18, do 11º New Music Seminar, em Nova York, evento que reúne mais de 350 grupos musicais de todas as tendências e estilos e cerca de 8,5 mil profissionais do mundo todo. Os brasileiros se apresentam na noite do dia 15, no hotel Marriott Marquis de Nova York. Entre os artistas convidados este ano estão Laurie Anderson, Peter Murphy e Hothouse Flowers.

PÁG. E-3



Cadão, Jayr, Thomas e Ricardo, do Fellini

FOTOGRAFIA

Goethe expõe 51 trabalhos de Wols

O instituto Goethe expõe a partir de amanhã 51 fotos do pintor e fotógrafo alemão Otto Alfred Wolfgang Schulze, ou Wols, tiradas em Paris entre 1932 e 1938.

PÁG. E-12

Foto do alemão Wols



ilustrada

FOLHA DE S. PAULO

Quarta-feira, 4 de julho de 1990 E-1

Xavante sonha com o crepúsculo da tribo e vira tese de literatura

ANTONIO GONÇALVES FILHO
Enviado especial a Sangradouro (MT)

O último xavante acaba de sair da aldeia. Deixa para trás a maloca transformada e coberta de telhas, seguindo os passos de outros jovens que se aventuraram nas cidades. A aldeia está cercada por arame farpado como as grandes fazendas dos latifundiários. Esse sonho (ou pesadelo) é de Jerônimo, o mais velho Wamaritede'wa da aldeia xavante de Sangradouro (240 km a sudeste de Cuiabá, no Estado de Mato Grosso). Sua idade poucos arriscam calcular. Alguns dizem 80, outros 90 e há ainda quem garanta ter o velho profeta —agora objeto de uma tese de literatura comparada— nascido no século passado.

A tese de mestrado é do acadêmico da USP Sérgio Luiz R. Medeiros, 30, que se dedica ao estudo dos sonhos dos xavante. Um Wamaritede'wa é uma espécie de sonhador oficial da tribo, capaz de prognosticar o futuro ou simplesmente ver no sonho uma seta indicativa que possa guiar os índios. O sonho sempre é profético para o xavante. Um raio aparece nele e dias depois alguém morre fulminado. Jerônimo sonha e conversa com os mortos, consulta os ancestrais sobre ervas que curam e, por vezes, visita o próprio Jesus Cristo em sua casa, ficando bravo quando este "manda" alguma doença para dizimar os xavante. Enfim, o território onírico não se diferencia muito do real para essa tribo com mais de cinco mil índios, espalhados por seis aldeias.

Na aldeia de São José (800 índios), localizada em Sangradouro, Jerônimo é um mito. Graças a ele conseguiram caçar animais que lhe apareciam em sonhos, exatamente no lugar que Jerônimo indicava aos bravos guerreiros. Muitas vezes o Wamaritede'wa os levou de doenças. Ultimamente, além da profecia sobre o fim da tribo, sonhou que encontrara Jedzutsi (Jesus) jogando água contaminada sobre a aldeia, para "punir" os xavante. Protestou e Jesus, comovido, disse: "Jerônimo, você é muito bonito e faz o mesmo que eu fazia quando estava na Terra, educa o povo contra o mal. Por isso atendo o seu pedido".



Jerônimo, o mais velho Wamaritede'wa (dono dos sonhos) da tribo xavante em sua aldeia em Sangradouro, no Estado de Mato Grosso

Jerônimo sonha com o deus dos cristãos há anos. Em 1975, os padres Bartolomeu Giacarra e Adalberto Heide transcreveram relatos seus no livro "Jerônimo Xavante Sonha" (Casa da Cultura de Campo Grande, MS). Pelo menos dois deles mostravam Jesus aparecendo aos xavante, primeiro para um batizado e depois para a principal festa da tribo, Waya, em que se dá o ingresso de adolescentes no mundo dos adultos. Curiosamente, essa festa (nada cristã) é precedida por rituais de iniciação em que os jovens batem com as mãos na água durante semanas e correm quilômetros. O que desmaiava nas provas é comido pelos mais velhos (dizem que o ritual foi praticado até recentemente).

O cacique Alexandre, 49, que esteve em Paris há pouco mais de um mês, também é um Wamaritede'wa.

Ele quer modernizar a aldeia, trocando a cobertura das casas (retsu, uma palhinha de palmeira) por telhas de verdade, o que confirmaria o início do fim, segundo o sonho de Jerônimo. Ele, porém, acredita num futuro radiante para os xavante, embora também tenha sonhos catastróficos. Outro dia, por exemplo, sonhou que um raio caía na "ho" (casa dos solteiros, onde moram os jovens ainda não iniciados) e matava quatro adolescentes. De fato, o raio caiu e matou três deles, deixando o quarto imobilizado. Mesmo a viagem a Paris, onde participou de um encontro com os "waradzu" (civilizados brancos), foi anunciada ao cacique em sonho.

Em geral, esses sonhos se repetem em outras cabeças da tribo. Há um certo caráter polifônico nos relatos dos xavante, como

observou o autor da tese sobre seus sonhos, Sérgio Medeiros. "A redundância que se observa na narração de Jerônimo é a sua marca estilística mais profunda. É através da repetição que ele chega ao arquétipo, recorrendo a figuras de linguagem como a metáfora, a comparação e a condensação", explica o acadêmico, que discorda da distinção entre literatura e etnoliteratura feita pelos franceses. Para ele, algumas histórias de Jerônimo têm mesmo parentesco com a literatura policial. Com uma diferença: quando os índios se sentem ameaçados, eles entram no tempo mítico, o território da caça onde os guerreiros realizam seus sonhos.

A estrutura narrativa segue invariavelmente um esquema. Os xavante estão sempre em busca do outro, seja o branco, Deus ou até mesmo o fogo, que é uma entidade. Eles se orgulham de

não serem criadores. Por isso devem se apropriar de alguma coisa ou de alguém, realizando grandes proezas como conversar com Deus, reestabelecer a ordem cósmica ou se servir de uma profecia para agir. Eles, por exemplo, matam os semideuses —chamados de "paranaya", porque fazem coisas sobrenaturais com a palavra— quando acham que os milagres são demasiados. Não se pode conviver com o milagre e, então, eles matam os paranaya, por não estarem integrados ao resto da comunidade", explica Medeiros.

Quando se comete uma transgressão —ou um pecado, segundo os xavante— a punição vem através da metamorfose. O "outsider", transgressor, se transforma em algum animal da selva. Nada muito novo, como se vê, mas, ainda assim, tremendamente assustador.

Não foi só com o crepúsculo do povo xavante que Jerônimo, o grande Wamaritede'wa, sonhou. Ele esteve muito doente e só há algumas semanas se levantou novamente. "Sonhei que iria ficar bom e viver por mais um ou dois anos, até contar todas as histórias que eu tenho para contar", diz, certo de que o grande homem com asas de jaburu passará por Sangradouro e o levará para o céu quando essa hora chegar. Esse "anjo" com asas de jaburu já lhe apareceu outras vezes em sonho, ensinando alguns feitiços e revelando ao "dono do sonho" a estrada que conduz o xavante para sua última morada.

Jerônimo descreve com detalhes a entrada nesse mundo, descoberta com muito esforço. O céu não é muito diferente da aldeia onde vive. Reproduz a imagem gerada por um vontade cultural, que nada teria de sobrenatural ou extraordinária. "Os relatos míticos permitem certa dose de invenção, mas os sonhos sempre apontam uma possibilidade real. Jerônimo descreve a vivência mítica até com mais detalhes do que seus relatos históricos", observa o autor da tese acadêmica, Sérgio Medeiros. Quando conta a história da conquista do fogo pelo xavante (roubado de uma onça, ou um índio metamorfoseado vindo fora da tribo), Jerônimo se orgulha por deixar a onça no frio e na escuridão. Talvez o mesmo orgulho de Prometeu ao roubar o fogo dos deuses.

Quando os xavante não conseguem caçar, se refugiam no tempo mítico e, como Giotto, concretizam o sonho (o que, afinal, é mais importante, sonhar ou realizar uma obra, perguntava o pintor?). Jerônimo, vaidoso, posa de grande caçador de animais e pacificador do "waradzu" branco, que sempre ameaçou o civilizado xavante e levou para a tribo a mania do jeans e do grafite (as casas, em alvenaria, estão cheias de nomes e desenhos de helicópteros). Mas está certo de que, no final, todos irão para o céu. Como em seus relatos míticos, o xavante sempre escapa da fogueira quando é punido, transformando-se em pássaro ou no próprio vento. Para ele, nada existe de natural na natureza. Ela é sagrada como seus sonhos. (AGF)

INDIFOLHA

"XINGU/TERRA" É O VÍDEO MAIS LONGO DO CICLO*

(Em minutos)

"Xingu/Terra" 106

"Os Arara" 105

"A Tribo que Fugiu do Homem" 78

"Os Kaiapó Saindo da Floresta" 58

* Ciclo "O Índio: Ontem, Hoje e Amanhã". Memorial da América Latina, até 29 de julho.



Cacique espera visita oficial e promete briga

Do enviado especial a Sangradouro (MT)

Ao contrário de Jerônimo, o cacique Alexandre, apesar de também ser um Wamaritede'wa, é pragmático. Acredita nos sonhos como profecias, mas espera que a Funai cumpra seu papel e o novo governo Collor mande alguém a Sangradouro para conversar com o povo xavante. "O governo não pode demitir funcionários da Funai sem consultar os índios. Na aldeia existem alguns professores ameaçados de demissão e isso é injusto", diz.

Há também conflitos com os fazendeiros locais, que não respeitam a demarcação das terras indígenas e, se o governo não adotar as medidas necessárias, o cacique promete defender os 11

mil hectares de terra xavante em Sangradouro com todas as armas da tribo.

"Também estou pensando em criar a delegacia do índio, para defender nossos direitos", adianta, justificando o projeto pelo descaso com que os xavante têm sido tratados nas delegacias dos brancos. O cacique também pretende modificar a estrutura das casas, trocando a cobertura de palha por telhas convencionais. "Com o desmatamento, está cada vez mais difícil cobrir as casas", diz, passando os dedos pelo pauzinho que traz nas orelhas e provocam o sonho do cacique. Um predestinado, segundo o próprio, a conduzir sua tribo ao terceiro milênio. Viva e sonhando com o país dos xavante. (AGF)



O cacique Alexandre, com um periquito, em frente à sua maloca